

## “AQUI NA COZINHA, NÃO! PORQUE TU É O PAI”: SCRIPTS DE GÊNERO E OS SENTIDOS DA PATERNIDADE NEGOCIADOS NO BRINCAR

### *Eixo Temático - 02 - A Produção de pesquisas sobre Infâncias, Gênero e Sexualidade na Educação*

Jaime Eduardo Zanette <sup>1</sup>

#### RESUMO

Nossa sociedade relaciona a figura materna com as práticas de cuidado e afeto dedicadas às crianças. Enquanto isso, a paternidade fica isenta de responsabilidades. Tudo isso repercute no repertório lúdico de nossas crianças. Assim, sustentado nos Estudos de Gênero e na Sociologia da Infância, me propus a analisar como as crianças negociam os *scripts* de gênero e constroem sentidos sobre as masculinidades, especialmente as que paternam. Metodologicamente trabalhei com a observação participante. Foi possível compreender que nas brincadeiras as crianças negociam *scripts* de gênero e representam paternagens e maternagens, que reverberam a naturalização de desigualdades, em especial no que tange a sobrecarga das atividades domésticas para o público feminino.

**Palavras-chave:** Scripts de Gênero; Paternidades; Brincadeiras;

#### INTRODUÇÃO

Geralmente ficamos perplexos ao nos depararmos com dados relativos à ausência paterna ou mesmo à violência de pais contra as crianças. O período da pandemia, por exemplo, registrou um aumento significativo de infantes registrados sem o nome do

---

<sup>1</sup> Pedagogo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre e Doutorando em Educação pela UFRGS. Professor de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. e-mail: [edujaimesl@gmail.com](mailto:edujaimesl@gmail.com)

pai<sup>2</sup>. Frente a isso, esta proposta é o recorte de uma pesquisa de Doutorado em Educação que

opera com os conceitos de paternidades e *scripts* de gênero, que sustentam a seguinte pergunta de pesquisa: *De que forma os scripts de gênero constroem concepções de masculinidades, em especial em relação ao exercício das paternidades, e como as crianças percebem tal função?*

O objetivo geral desta investigação é perceber, sob o olhar das crianças, como os *scripts* de gênero são acionados e contribuem na produção de sentidos sobre masculinidades, especialmente aquelas que paternam.

Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, trabalhei com os conceitos oriundos dos Estudos de Gênero, bem como dos Estudos Culturais e da Sociologia da Infância, sob a perspectiva pós-estruturalista de análise. A partir destes campos, aproveito para destacar que esta produção tem a intenção de colocar sob suspeita algumas “verdades” sobre família e paternidades, garantindo assim o olhar para diferentes experiências paternas e de configurações familiares.

## **METODOLOGIA**

Para traçar uma metodologia de pesquisa, optei por uma abordagem de inspiração etnográfica, tendo a observação participante como estratégia para a produção de dados. (CORSARO, 2009; MÜLLER; CARVALHO, 2009).

Dessa forma, realizei as observações ao longo de um mês, em uma turma de Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade. A escola na qual a pesquisa foi realizada localiza-se em uma região periférica de um dos municípios que compõem a região metropolitana de Porto Alegre (RS).

Por questões éticas as crianças escolheram nomes fictícios, mantendo assim o sigilo das suas identidades.

As observações foram registradas em um caderno de anotações .

---

<sup>2</sup> Reportagem aponta o aumento do índice de crianças registradas sem o nome do pai na pandemia.  
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/18/taxa-de-criancas-registradas-sem-o-nome-do-pai-e-m-sp-atinge-maior-indice-da-serie-historica-durante-a-pandemia.ghtml>

Baseado nos pressupostos pós-estruturalistas, parto do pressuposto de que há uma variedade de discursos e representações de paternidade. Entretanto, empregarei neste trabalho tal conceito no plural, ou seja, paternidades. Além disso, conforme os estudos desenvolvidos por Jamile Peixoto Pereira (2015, p. 69), operei com o conceito

de paternidades participativas, tendo em vista produzir reflexões que desenvolvam o movimento de não só destacar as responsabilidades dos homens, como também constituí-los discursivamente como sujeitos participativos em relação à paternidade. Mesmo que morosamente, e com necessidade de maiores investimentos, isso vem se desenhando na política, “[...] como uma transição que demandaria a mudança de um descompromisso para um dever e, simultaneamente, um direito”.

No que tange a discussão sobre representações, me inspirei em Tomaz Tadeu da Silva (2013), quando destaca que estas circulam na escola, na literatura infantil, nos discursos e nas brincadeiras infantis, compondo currículos culturais que educam - pelos mecanismos de pedagogias - as crianças para construir e reconhecerem a significação de paternidade e as relações de gênero na nossa cultura.

Por isso a necessidade de produção de conhecimento que trate da temática das paternidade, de forma que possamos estabelecer diálogos potentes com a escola e demais instituições de garantia dos direitos infantis.

Diante disso, sustentado nos conceitos da Sociologia da Infância, realizo aqui uma aposta nas crianças enquanto sujeitos de conhecimento e ativos na construção e determinação de suas vidas sociais, bem como da vida das pessoas que vivem com elas, nas comunidades e sociedades, nas quais estão inseridas. Neste sentido, encaro a infância como uma categoria estrutural da sociedade, no qual seus agentes (as crianças) produzem e expandem a cultura, estabelecendo relações intra e intergeracionais (QVORTRUP, 2010). Dessa forma, torna-se oportuno compreender como as crianças são atravessadas, constituídas e direcionadas pelos discursos acerca das paternidades.

também me atento para o conceito de gênero como um termo que enfatiza o caráter relativo à construção social e histórica dos sexos (SCOTT, 1990). Assim, por meio destas relações, os discursos produzem lugares sociais para homens e mulheres, pais e mães, que vão se naturalizando e produzindo hierarquias. Portanto, o desafio que temos ao utilizar este conceito como ferramenta é o de desnaturalizar as “verdades” inscritas sobre os sujeitos masculinos e femininos.

Para intensificar esta problematização, Jane Felipe (2019) traz para nossa agenda de discussões o que ela conceitua como *scripts* de gênero. Para a autora, os *scripts* de gênero se referem às atribuições que são/estão culturalmente definidas como masculino e feminino, produzindo assim diferenças e desigualdades. Estas, por sua vez, desencadeiam em movimentos de constituição corporal, nas expectativas que temos sobre o corpo e como o vemos. Vale ressaltar, que estes significados são constituídos nas relações de poder e por meio de meticulosas técnicas de vigilância e regulação, operando sobre o comportamento de meninos e meninas, homens e mulheres, a partir de uma perspectiva binária e cisheteronormativa. Nesta dinâmica, é importante analisar a complexidade na qual se estabelecem as tramas que compõem estes *scripts*. Entretanto, não podemos perder de vista, as negociações que se estabelecem de diferentes formas - muitas vezes sutis – contudo potentes, para a constituição das identidades de gênero e das identidades sexuais (ZANETTE; FELIPE, 2017).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

*Na terça-feira quente de julho, observei a turma, suas expressões e discursos ao longo do brincar. Primeiramente já notei uma divisão nas brincadeiras. Notei que as brincadeiras relacionadas à casinha eram organizadas e mantidas pelo grupo de meninas da turma, sendo elas: Luana, Renata e Hélen. Os meninos estavam mais envolvidos com jogos e carrinhos. Paulo montava quebra cabeças, enquanto André e Miguel circulavam pela sala com carrinhos. Contudo, seguidamente André e Miguel recorriam às meninas para poder entrar na casinha e participar da brincadeira, entretanto, as meninas resistiam ao ingresso dos meninos. Em um determinado momento, elas acordaram para que eles pudessem participar do mercado que fornecia os produtos para abastecer a casa. Paulo, ao observar tal situação, largou as peças com as quais estava brincando e resolveu se juntar ao grupo. Ele, por sua vez, foi escolhido para compor o grupo da casinha, sendo logo induzido pelas meninas a representar o pai. Paulo iniciou a brincadeira, ainda desejando a companhia de mais meninos. Logo chamou os colegas para fazer comida com ele, entretanto foi interrompido por Renata, que já tinha se nomeado sua esposa e incluído as duas colegas como as filhas do casal.*

*E assim Renata inicia a organização:*

*- Não Paulo, aqui na cozinha tu não mexes, tu é o pai! Por isso tem que ir trabalhar para conseguir dinheiro. Aqui na cozinha eu fico e faço comidinha.*

*Paulo ficou a pensar sobre aquela representação e, ao mesmo tempo, olhou para os amigos que estavam no mercado vendendo, buscando apoio para adentrar a cozinha. Porém, Renata já foi alcançando brinquedos nas mãos dele e o encaminhando para o caixa do mercado que estava vazio naquele momento. Enquanto entregava os pertences do companheiro a menina ia dizendo:*

*- Tu vai levar esta carteira, um pouco de dinheiro e não pode esquecer das coisas. Vou te servir um café, tu toma e vai trabalhar com tudo isso que te entreguei. Depois tu volta para casa, e volta logo, não fica passeando por aí, porque vou estar te esperando com a janta.*

Caderno de anotações: 13 de julho de 2021.

Os elementos presentes neste diálogo entre as crianças me convocam a pensar sobre as dinâmicas de poder e negociação quando a categoria gênero está em jogo. Além disso, também é possível perceber que as crianças, no espaço escolar, produzem significados acerca das paternidades, maternidades e estruturas familiares. Afinal, na medida em que as crianças brincam, elas trazem elementos que reproduzem suas interpretações sobre as dinâmicas sociais, reiterando a cultura adulta dominante, mas em contrapartida, reinventando-as por meio de ações criativas (ARENHART, 2016).

Entretanto, a partir desse fragmento, que de alguma forma pode ter uma semelhança com muitas situações de brincadeiras observadas por docentes, disponho-me a refletir sobre os atravessamentos de gênero, entendido como ferramenta teórico-metodológica.

para a produção e manutenção de uma suposta normalidade, na medida em que servem como balizadores que apontam para a aproximação ou afastamento da norma desejada.

Assim, para pensar sobre os elementos que configuram os *scripts* de gênero e *scripts* de paternidade, volto para a situação de brincadeira das crianças. Esta iniciativa se estabelece devido ao fato de que os discursos registrados naquela ocasião apontam para um arranjo familiar baseado na heteronormatividade, colocando o sujeito feminino - “mãe”, em uma situação de subalternidade e responsável por todas as tarefas, inclusive a de conduzir as ações do sujeito masculino “pai”. Já ao sujeito paterno representado naquela ação brincante, coube-lhe a função de prover.

Esta sobrecarga da vida feminina desde muito cedo remete às considerações de Cristiano Rosa e Jane Felipe (2019), ao problematizar que as mulheres possuem uma oitava jornada de trabalho e não apenas duas, como vem sendo divulgado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à abordagem deste trabalho, destaco a importância de expandir estas discussões para a formação docente, procurando contribuir para o fazer pedagógico de professores e professoras de Educação Infantil. Afinal, na medida em que estas temáticas são abordadas, temos a possibilidade de refletir sobre nossas ações, nossas escolhas e planejamento de tempo, espaço, materiais e até mesmo falas que dedicamos às nossas crianças no cotidiano escolar.

Também considero que as discussões sobre os *script de gênero* e seus diferentes marcadores necessitam ser cada vez mais problematizados para que possamos inserir outras representações de masculinidades-paternidades / feminilidades-maternidades, contribuindo educativamente para a diminuição da sobrecarga de trabalho feminina e potencializando a participação masculina(paterna) no lar e no cuidado com o outro.

## REFERÊNCIAS

ARENHART, Deise. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Velinho (org.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 238-250.

PEREIRA, Jamile Peixoto. **Da paternidade responsável à paternidade participativa?** Representações de paternidade na política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH). Dissertação. 2015. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma diva dentro de mim: descobertas femininas sobre scripts de gênero no processo de montagem drag queen. In: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma Nonato de; MENDES, Sandra Karina Barbosa (Orgs.) **Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos**. Curitiba: CRV Editora, 2019. p. 6174.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa** 2010;36(2): 631-43

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tensiona os scripts de gênero. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellino (org.). **Para se pensar a Educação Infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 17-35